

# NAMORANDO A LAGOA DO PERI: UMA APRECIÇÃO LÍRICA DA PAISAGEM

*Luiz Otávio Cabral*<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste artigo, analisa-se os aspectos topofílicos da experiência dos usuários (moradores, visitantes e fiscais do meio ambiente) com a Lagoa do Peri – Florianópolis/SC. Com base em relatos e observações obtidos em campo, exploramos alguns estereótipos, metáforas e significações (místico-religiosas) associados à Lagoa, assim como a experiência tátil-cinestésica da criança com aquele ambiente e o enquadramento das “clareiras” às suas margens como *territórios de lazer*. Deste modo, o texto torna visível algumas das formas mais profundas de topofilia com a paisagem – ainda que raramente expressas.

**PALAVRAS-CHAVE:** paisagem valorizada, geografia humanista, percepção ambiental, topofilia.

**ABSTRACT:** In this article, one analyzes the topophilic aspects of the experience of the users (living, visiting and fiscal of the environment) with the Lagoa do Peri - Florianópolis/SC. On the basis of stories and comments gotten in field, we explore some stereotypes, metaphors and significations (mystic-religious) associates to the Lagoon, as well as the tactile-kinaesthetic experience of the child with that environment and the framing of the “bare places” to its edges as leisure territories. In this way, the text becomes visible some of the forms deepest of topophilia with the landscape - despite rare express.

**KEY-WORDS:** valued landscape, humanistic geography, environment perception, topophilia.

---

<sup>1</sup> Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e professor do Curso de Turismo com ênfase em meio ambiente da Associação Educacional Luterana Bom Jesus/ IELUSC, Joinville/SC. e-mail: [locabral@ielusc.br](mailto:locabral@ielusc.br).

## Primeiras considerações

*Atravessa esta paisagem, o meu sonho dum porto infinito[...]  
E a sombra de uma nau mais antiga que o porto que passa  
Entre o meu sonho do porto e o meu ver esta paisagem  
E chega ao pé de mim e entra por mim dentro  
E passa para o outro lado da minha alma...*  
(Fernando Pessoa)

Do ambiente em que vivemos esperamos mais do que condições favoráveis à manutenção de nossas funções biológicas e recursos para fazer funcionar a máquina econômica. Segundo Dubos (1981, p. 96): “Queremos experimentar as satisfações sensoriais, emocionais e espirituais que somente podem ser conseguidas mediante uma interação íntima, ou melhor, uma real identificação com os lugares onde vivemos”.

Ao intitular seu livro com a frase “Namorando a Terra”, o autor sugere que o relacionamento entre a espécie humana e a natureza devia ser de respeito e de amor e não de domínio. Neste sentido, namorar a Terra significa muito mais do que humanizar o ambiente, significa também preservar certos ambientes naturais nos quais se experimentam os mistérios que transcendem a vida diária e onde se sintoniza forças que modelaram a espécie humana. Enquanto ambientes humanizados dão-nos confiança porque neles a natureza foi reduzida à escala humana, o selvagem nos força a uma comparação entre nós – enquanto criaturas biológicas – e o cosmos.

Estas idéias não só indicam a origem do título deste texto – derivado de um estudo mais amplo (CABRAL, 1999) – como também permitem registrar as razões mais profundas que nos levaram a escolher e desenvolver o tema. A intenção é discorrer sobre a topofilia dos usuários com a paisagem da Lagoa do Peri, precisamente, a partir daqueles relatos e observações que apontam para uma dimensão mais íntima e fascinante da experiência. O enfoque recairá sobre a “Lagoa” por esse componente espacial ser central no processo de percepção, representação e valorização daquele ambiente.

Adotamos a Geografia Humanista como aporte teórico por entender que se trata de uma abordagem apropriada para analisar a subjetividade que permeia as interações homem-ambiente. Dentre aqueles conceitos-chaves apropriados por esse viés está o de “topofilia”, que refere-se a afetividade humana pelo(s) lugar(es). Nesse sentido, topofilia associa sentimento e espaço; envolve experiências positivas, com ambientes atrativos, naturais e construídos.

## Lagoa do Peri: para além dos estereótipos

Situada no sul da Ilha de Santa Catarina e com uma lâmina d'água de 5km<sup>2</sup>, a Lagoa do Peri é parte de uma bacia hidrográfica que drena uma área de aproximadamente 20km<sup>2</sup> (5% da superfície da ilha). Às vezes propalada como o mais importante patrimônio natural da ilha, a bacia – enquadrada como parque municipal desde o início da década de 80 – constitui-se, indubitavelmente, num ecossistema único, complexo e muito vulnerável, dada a sua reduzida extensão territorial e a acentuada interação dos elementos que dão suporte à sua dinâmica: geologia, relevo, clima, vegetação, hidrografia e o homem.

Atualmente, dependendo do ponto de vista e em virtude do alto grau de regeneração da vegetação (Floresta Ombrófila Densa e Restinga), as marcas antrópicas na paisagem tornam-se praticamente imperceptíveis. Estando no local, especialmente às margens da lagoa, evidencia-se que a dominância na composição da paisagem é compartilhada entre os componentes naturais através de suas principais propriedades visuais: a *água* se sobressaindo por sua forma superficial (lagoa) e cor (escura); a *vegetação*, sobretudo pela cor (verde) e textura (rugosa); e o *relevo*, por suas linhas, formas e escalas diferenciadas. Enquanto conjunto, tais atributos conferem uma elevada qualidade estética à paisagem.

Mesmo que devesse ser ampliada, deixaremos de lado a descrição da paisagem enquanto estrutura visível para destacar os aspectos mais intangíveis associados à Lagoa do Peri.

É sabido que a apreciação lírica de uma paisagem sofre influência de modelos culturais. Conforme Collot (1990), a significação afetiva de certas paisagens pode ser codificada por verdadeiros estereótipos; tais são as associações que se propõe entre o lago e a paz, o vale e a doçura, o pico e a audácia. Tuan (1980, p. 32), por sua vez, acrescenta que: “Os elementos verticais na paisagem evocam um sentido de esforço, um desafio de gravidade, enquanto os elementos horizontais lembram aceitação e descanso.” Por outro lado, esses próprios significados estereotipados não são completamente arbitrários: eles se apoiam em estruturas características do próprio objeto espacial, que mantém relação metafórica com atitudes corporais e existenciais fundamentais.

Cientes disto, convém focalizar as motivações e explicações que levam certos usuários (principalmente visitantes e moradores) a associarem a horizontalidade e as águas calmas da Lagoa à estados de sossego, tranqüilidade, serenidade, paz, repouso (Figura 1):

**Figura 1:** Vista da face leste da Lagoa do Peri.



Gosto daqui porque é um lugar tranquilo, principalmente quando tu acorda de manhã... sente esse ar maravilhoso e vê essa Lagoa linda, bem paradinha... esse lugar é bem energético! (moradora, dona de casa)

Pra mim a Lagoa inspira tranquilidade... eu gosto de ver esse espelho d'água quando ele tá calmo, quando tá ondulado já não é tão bonito [...] às vezes quando eu fico muito agitado, eu penso nessa imagem e isso me acalma! [...] Pra dizer a verdade, isso aqui me lembra quando eu era garoto, eu gostava muito de pescar em Lagoa, rio, açude... essa fase da minha vida foi de águas calmas. (visitante, funcionário público)

Se a superfície “estática” da Lagoa é capaz de inspirar estados mentais e emocionais de sossego e tranquilidade, há moradores que atribuem esta virtuosidade ao barulho intermitente de suas ondas:

De todos os anos que eu fiquei fora do Brasil, uma das coisas que eu realmente sentia falta era desses momentos... desse barulhinho que a Lagoa faz quando bate um ventinho... de noite poder ficar escutando esse barulho, esse silêncio. (morador, professor universitário)

Para um morador nativo que reside às margens da Lagoa a apreciação lírica da paisagem (Lagoa) reveste-se de significados ainda mais profundos:

Ah! O dia que eu vou pro centro da cidade eu volto com uma dor de cabeça... pensa bem, o camarada é acostumado aqui nesse lugar calmo, nessa paisagem, bate naquela barulheira lá, já estranha né. Mas já quando eu chego lá na entrada e venho cá pra dentro, já tomo outro ar... até

parece que a cabeça já vai melhorando. Agora quando eu boto o pé ali na beira da Lagoa então, parece uma coisa que vai abrindo outra alma na vida, parece que vai clareando até as vista... a gente sente outro clarão! (morador, aposentado)

Numa perspectiva fenomenológica, pode-se dizer que a paisagem se define como espaço ao alcance do olhar e à disposição de todo o corpo. Ligando-se aos comportamentos possíveis do sujeito, afirma Collot (ibidem), o ver amplia-se para um querer e um poder. No caso aqui considerado, a Lagoa pode ser cobiçada e encarada como um desafio, evocando uma atitude que se diferencia daquela de passividade, associada à idéia de sossego:

Pra mim toda vez que eu venho e olho pra Lagoa, eu imagino o dia que eu vou atravessar à nado e chegar até o outro lado... é um desafio que eu estou querendo a toda hora superar. (visitante, psicóloga)

Percebe-se assim, mesmo sabendo que os relatos apenas sugerem o que é experienciado como intenção ou volição, que a Lagoa assume significados que vão além das simples definições fornecidas pelos estereótipos.

Um outro dado que revela a afetividade de alguns moradores pelo lugar e por conseguinte à Lagoa, surge num intento onde sua forma é comparada a de um coração. Cientes desta analogia, percebe-se o sentido implícito na declaração de um morador:

Eu sou apaixonado pelo formato dessa Lagoa! (morador, surfista)

De acordo com a literatura esotérica e psicanalítica, a água – especialmente a água parada – tende a ser um símbolo do princípio feminino. Daí este mesmo morador se pronunciar à respeito do que mais gosta na paisagem e destacar a Lagoa como se estivesse se referindo a uma mulher:

Lógico que é da Lagoa... de poder ter esse corpo d'água ao meu lado!

Diante da hipótese de não mais poder freqüentar o lugar, um visitante recorre à mesma metáfora:

Se eu não pudesse vir mais aqui, eu iria tentar achar um lugar que fosse parecido, que tivesse as mesmas características. Agora eu ia sentir muita falta porque a gente se apaixona, é um namoro que eu tenho com esse lugar. Eu acho que eu sentiria uma grande falta daqui, uma saudade enorme dessa Lagoa! (visitante, professor/corretor de imóveis)

Tal relato, ainda torna conveniente observar que enquanto visitantes e fiscais recorrem a idéia de substituírem a perda (hipotética) por um outro local semelhante, os moradores ratificam de diversas formas a idéia do lugar como algo único e insubstituível, daí “nem é bom pensar” na possibilidade de se mudar da Lagoa do Peri.

### **A Lagoa e as significações místico-religiosas**

Refletindo sobre a natureza como espaço de celebração, Bruhns (1997), afirma que numa ótica subjetiva as experiências íntimas do “corpo” com a natureza pode levar a um reconhecimento de sua espacialidade na relação com o mundo e a uma revisão dos valores, bem como a um encontro muito particular do homem com ele mesmo. “A busca ou escolha de paisagens privilegiadas é uma forma da procura de si mesmo.”, ratifica Collot (1990, p. 28). Este aspecto da religiosidade (no sentido de re-ligação), referenciado por ambos os autores, permite inserir alguns relatos que evocam o sentido do divino associado à Lagoa e à paisagem como um todo.

No meu trabalho de pesquisa, eu tive que fazer um monitoramento de temperatura em tocas de lontra. Por três meses seguidos, eu ia três vezes por semana e três vezes ao dia. Numa das noites, deu uma tempestade, eu me perdi pelo caminho e acabei indo parar dentro de uma toca. Lá fora o vento, a chuva... estava cada vez mais forte e eu exausto acabei dormindo. No meio da noite, acordei de repente e já não se escutava mais nada, só um silêncio... parecia que eu tava morto num túmulo. Resolvi sair e quando eu botei a cabeça pra fora, a Lagoa tava que era um espelho, a lua enorme no céu e bem na minha frente, tinha três lontras nadando e brincando, foi inesquecível... daquele em diante dia eu acho que comecei a acreditar em Deus e desde então eu tenho essa toca como um lugar especial! (morador, professor universitário)

Pra mim esse lugar me dá uma paz de espírito... se a gente tá mal é só sair um pouco que já volta bem... aí eu vou mais pro lado espiritual... pra mim aqui tem muito haver com Deus [...] Eu me sinto com Deus quando vejo essa Lagoa, espelhando esses morros... esse lugar é demais! (moradora, dona de casa)

Olhar essa natureza é uma forma de olhar a si mesmo... nossa origem... é uma introspecção que a gente faz. Aqui eu me sinto integrado à natureza e procuro fazer coisas que não agridam... nem pescar eu gosto aqui! [...] Aqui há lugares onde eu posso fazer um relaxamento mais profundo, uma meditação... fazer um abandono das coisas comuns e ficar um pouquinho com a gente mesmo. (visitante, professor)

Quando eu venho pra cá costumo a falar: “vou pro paraíso”... esse lugar me dá a sensação de que há uma força superior operando em tudo isso aqui... Pra mim, olhar essa paisagem é como falar com Deus! (visitante, psicóloga)

Por vezes, a partir desse sentido místico-religioso, o cenário que inclui a Lagoa diferencia-se, privilegiando alguns pontos. Esta tese é válida principalmente no caso dos fiscais que têm uma profunda afeição pela Pedra do Oratório. Essa formação rochosa (granito) se constitui num verdadeiro monumento natural e só é visto por quem transita de barco na Lagoa. O nome foi cunhado pelos antigos moradores que costumavam, segundo alguns depoimentos, à rezar no local. Há alguns anos atrás, os fiscais colocaram em meio aos dois blocos maiores (que medem em torno de oito metros) duas estatuetas: uma de Nossa Senhora Aparecida e outra de Santa Catarina.

Foi nós que botamos as santinhas no meio das pedras na época em que o salário tava muito baixo... foi tipo uma promessa e que a gente cumpriu porque o pedido foi atendido [...] A gente costuma a passar de caiaque no meio dessas pedras. É a pedra da energia pra nós... um dia a gente ainda vai rezar uma missa de lá de dentro da água. (fiscal)

**Figura 2:** Pedra do Oratório (costa leste da lagoa).



Desde então, a Pedra do Oratório é portadora de uma significação que repercute na experiência dos fiscais e até mesmo de outras pessoas

que navegam pela Lagoa. Esta apreciação do sagrado na paisagem também é compartilhada por alguns moradores “de fora”, que ao discorrerem sobre o monumento, chamam a atenção para a exuberante vegetação à sua volta:

Gosto muito da Pedra do Oratório. Ali tem uma árvore que numa certa época do ano, se eu não me engano é agosto, fica toda coberta com umas flores vermelhas e que fica refletindo assim na Lagoa... Meu Deus! Ali é o oratório mesmo! (moradora, dona de casa)

Uma outra expressão do namoro com a Lagoa pode ser encontrada nos causos e lendas que ainda subsistem na memória de alguns moradores nativos mais velhos. Tratam-se de narrativas que fazem parte da “cultura residual” (COSGROVE, 1999) e que conferem ao lugar uma aura de medo e mistério – pelo menos naqueles tempos em que os encantamentos faziam parte do cotidiano. Interessa-nos aqui, transcrever algumas das histórias que têm na Lagoa sua principal referência espacial.

Ao longo da conversa, Dona Euzébia, de 84 anos, sentada junto à mesa da cozinha, vai aos poucos sacando da memória uma estória depois da outra. Conta que em certas ocasiões as bruxas enchiam as tarrafas de galhadas para impedir os pescadores de matarem os peixes.

Quando foi uma outra vez, meu pai e outros pescador tavam trabalhando na roça lá em cima e abriu uma música na Lagoa... aí eles largaram os prato de comida e escutaram, escutaram... uma música sem saber da onde era, não via ninguém só a música, sabe como é? Aí quando a música parou eles foram comer a comida tava tudo fria.

Diz ela, que muitas vezes ouviu de sua avó que ao meio dia aparecia no meio da Lagoa uma malha de pasto bem verde, se o vento era norte ela ia para o norte, se o vento era sul ela ia para o sul também: “[...] ia contra o vento”.

Nessa Lagoa aí já apareceu muito encanto! Uma vez, a filha do falecido Isidoro foi levar café pro avô que tava na roça, passou pela Lagoa e deu uma vontade nela de tomar água... quando ela se agachou, no meio da água um chapéu de ouro se abriu. Ela levou um susto tamanho que saiu correndo. Quando chegou lá na roça, contou a história pro avô e ele disse que ela devia ter batizado com sangue... devia ter furado o dedo e deixado sangrar em cima do encanto... Sabe como é?

Uma noite, meu irmão tomava banho na Lagoa e viu uma mulher de branco chamando ele pra fora... aí meu pai chegou na beira e gritou com ele... ainda bem, se não ele tinha ido mesmo!

Ao que parece, tendo em mente os perigos que certos trechos da Lagoa oferecem ao banho, especialmente de crianças, alguns destes contos deveriam servir para mantê-las – através do temor – longe da Lagoa, pelo menos quando se encontravam sozinhas.

### **A experiência tátil-cinestésica das crianças**

Deixando de lado o passado, é preciso enfatizar que na vida presente o contato físico com o ambiente natural tornou-se mais recreacional do que vocacional. Não obstante, através da prática de certas modalidades desportivas (*alpinismo, canyoning, rapel, rafting, paraquedismo...*), também conhecidas como turismo de aventura, o homem entra em contato violento com a natureza, fazendo com que o desejo de aventura seja cadenciado por riscos muitas vezes fatais.

Para Tuan (1980, p. 111), o que falta à maioria das pessoas é um envolvimento suave, fluído com o mundo físico e que prevaleceu no passado, mesmo que de forma inconsciente, quando o ritmo da vida era mais lento e do qual as crianças ainda desfrutavam. “A natureza produz sensações deleitáveis à criança, que tem mente aberta, indiferença por si mesma e falta de preocupação pelas regras de beleza definidas. O adulto deve aprender a ser complacente e descuidado como uma criança, se quiser desfrutar polimorficamente da natureza.” O autor esclarece ainda que “paisagem” é uma palavra sem muito significado para a criança pequena, cujo mundo está reduzido aos arredores imediatos.

Em outras palavras, pode-se dizer que o divertimento infantil com a natureza atribui pouca importância aos aspectos cênicos da paisagem e mais do que isso, o que importa à criança são certos objetos e as sensações físicas experienciadas. À medida que cresce, aumenta a sua consciência das relações espaciais às expensas da essência dos objetos.

No caso das crianças que visitam a Lagoa do Peri, precisamente na área junto à sede administrativa, é fácil perceber que o *playground* e a Lagoa são os componentes espaciais com os quais elas mais se deleitam. A pergunta “O que você mais gosta de fazer na Lagoa do Peri?” é quase sempre respondida com a afirmação: “Tomar banho e brincar no parquinho!”

**Figura 3:** Cena do banho de lagoa  
(área junto à sede administrativa do Parque).



Algumas observações são suficientes para poder afirmar que as palavras podem apenas sugerir a expressão de certas crianças quando avistam a Lagoa do Peri. Um sorriso sem igual surge no rosto e no mesmo instante o corpo já sacode braços e pernas. A corrida em direção à água é inevitável. Pega-pega, corre-corre, intercalam-se com incontáveis mergulhos; embalados por gritos e falas que expressam a espontaneidade do momento vivido. Deste modo, durante todo o tempo que permanecem na água as crianças se lançam de forma criativa e lúdica num cenário da imaginação e do prazer. A praia rasa de água escura, morna e doce é como um “grande útero”.<sup>2</sup>

É sabido que o relacionamento homem-água se dá sobre as mais diversas formas, dependendo da intencionalidade e dos recursos disponíveis à cada pessoa. No namoro com a Lagoa do Peri, essa interação pode se efetuar na simples contemplação de sua beleza, porém no caso da criança, como vimos acima, essa relação com o corpo d’água se faz principalmente através da natação e das brincadeiras. Guimarães (1995), explica que se para os nadadores a relação com o meio líquido é de luta, o objetivo é vencer a água, vencer seus próprios limites e portanto, o que importa não é a travessia e sim o seu fim - só pode rir quem ficou menos tempo com a água - para as crianças, a água é parceira num jogo de amor, nadar é ficar com ela o maior tempo possível... para

---

<sup>2</sup> Para que essa metáfora possa ser melhor apreendida, basta lembrar que o meio líquido está presente em toda a existência humana, desde sua gestação no útero materno.

as crianças, cada braçada é um abraço na sua parceira de traquinagens. O movimento representa, portanto, uma forma de comunicação, um diálogo entre a criança e a Lagoa. O cansaço de sucessivos e intensos movimentos é quase sempre recompensado – numa saída ou outra da água – com um saboroso lanche: seja fruta, sanduíche, um pedaço de bolo ou o tão cobiçado sorvete.

É difícil para o adulto recapturar essa vividez das sensações tátil-cinestésicas (exceto ocasionalmente) no contato com a água tépida e doce da Lagoa, no movimento do balanço, da gangorra e da descida no escorregador. Para os pais todo esse entretenimento das crianças implica em sossego e tranqüilidade:

Adoro ver toda essa alegria das crianças brincando, sem ter que tá em cima gritando: sai daí, vem aqui, não vai pra lá, olha a onda! (visitante, dona de casa)

As “clareiras” enquanto territórios de lazer

Certos visitantes adultos permitem ampliar o entendimento da experiência de lazer, ao revelarem um dos sentimentos que melhor caracteriza o enquadramento da paisagem como lugar: o de abrigo ou proteção. Tal sensação é reforçada pela ambiência oferecida pela vegetação às margens da Lagoa.

Gosto muito dessa qualidade de abrigo que a Lagoa oferece. Nesse momento eu me sinto acolhida pela natureza, por essas árvores, montanhas... eu tenho até a impressão que seria possível passar dias aqui e até mesmo morar aqui sem muitos artifícios. (visitante, psicóloga)

Tais percepções nos levam a enfatizar a idéia de que a experiência com o ambiente natural ajuda-nos a reconsiderar parte de nosso primitivismo, revelando potencialidades mantidas latentes pelas forças socioculturais.<sup>3</sup> Admite-se, portanto, que a experiência do visitante é capaz de apreender sensações sobre a paisagem que parecem invisíveis para o sujeito muito familiarizado com o entorno, como os moradores. É com essa perspectiva, motivada pelo assombro diante do novo e do inusitado que o ponto de vista do visitante é particularmente fascinante.

---

<sup>3</sup> Dubos (1981, p. 60), argumenta que o passado evolucionário do *Homo sapiens* parece ter engendrado dois tipos de condicionamento visual diferentes porém complementares: de um lado a necessidade de panoramas abertos até o horizonte, de outro, a necessidade de um lugar de refúgio, por exemplo, uma caverna ou uma área densamente arborizadas que ofereça proteção.

Convém lembrar que a ambiência nos territórios de lazer ou “clareiras” proporciona algumas vantagens em relação à certos inconvenientes do espaço aberto: insolação intensa e falta de privacidade. Deste modo, atende-se às necessidades humanas de espaço e lugar, de aventura e refúgio, liberdade e dependência, movimento e repouso (TUAN, 1983). É curioso observar como os grupos (família, amigos...) se apropriam das “clareiras”, ali permanecendo por horas e até mesmo durante o dia todo. Nelas, os visitantes instalam-se com seus apetrechos de lazer e levam à cabo suas necessidades de descanso, alimentação e sociabilidade. Mesmo longe de casa, muitos dos ritmos cotidianos se conservam, principalmente em relação os horários de alimentação.

Embora haja toda uma infra-estrutura de lazer coletiva (churrasqueiras, mesas, bancos, pias, banheiros, estacionamento, *playground*) à disposição dos visitantes no bosque de eucaliptos, junto à sede administrativa, há uma certa preferência pelos abrigos às margens da Lagoa. Já nas primeiras horas da manhã, quando a área da sede ainda nem começou a ser ocupada, algumas famílias já se apropriam desses locais, possivelmente por oferecerem mais privacidade.

Por outro lado, sabe-se que entre as pessoas o resultado do namoro é gratificante apenas se houver respeito mútuo. Embora esse preceito também seja essencial à uma interação saudável com o entorno, infelizmente, ele é negligenciado na maioria das vezes. No caso da visitação à Lagoa do Peri, isto é facilmente verificado no corte da vegetação arbustiva, no uso do fogo e, principalmente, no descaso com o lixo. Logo, apesar de estar na moda apregoar paixão e devoção à natureza, não podemos nos esquecer que a prática das pessoas pode ser outra.

### Últimas considerações

Ainda que as apreciações líricas da paisagem sejam eventuais, efêmeras e dependam da sensibilidade do sujeito, elas aqui foram elucidadas sob a metáfora do “namoro”, para ratificar que sob certas circunstâncias externas e internas, a experiência dos usuários revelam-se únicas. O poema “*hay kay*” escrito por Suzana Mafra (1999, p. 38), sugere essa singularidade e simplicidade:

Lagoa do Peri  
Em estado de graça  
A garça ri.

Concordamos com Relph (1979), quando diz que o sentido de paisagem não inclui somente os cenários exteriores nos quais se vive, na realidade eles se fundem e se complementam com nossas experiências interiores e nesse caso, as paisagens tornam-se particulares e revelam um espírito íntimo, chamado pelo autor de “*inscape*”. E não há necessidade de definir claramente isso porque embora seja extremamente difícil racionalizar a esse respeito: “[...] cada um de nós é plenamente capaz de reconhecer, em algum grau, os *inscapes* e a natureza dos ambientes que encontramos. Isso é evidente porque cada paisagem tem seu próprio conjunto e contém significados específicos para nós em termos das nossas atitudes para com ela.” (Ibid., p. 15). Uma vez decodificadas, tais significações evidenciam o valor das paisagens vividas, assim como, o papel que exercemos na reprodução da cultura e da geografia de nossas existências.

Talvez, até aqui, a abordagem tenha excedido os limites do romanticamente aceitável num texto acadêmico, porém, é preciso confessar ser quase impossível evitar essa apreciação sabendo que ela torna visível algumas das formas mais profundas de topofilia com a paisagem – ainda que raramente expressas.

## REFERÊNCIAS

BRUHNS, Heloísa Turini. O corpo visitando a natureza: possibilidades de um diálogo crítico. In: SERRANO, Célia Maria de Toledo e \_\_\_\_ (orgs.). **Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente.** São Paulo: Papirus, 1997, p. 125-140.

CABRAL, Luiz Otávio. **Bacia da Lagoa do Peri: sobre as dimensões da paisagem e seu valor.** Florianópolis, 1999. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geociências, Universidade Federal de Santa Catarina.

COLLOT, Michel. **Pontos de vista sobre a percepção das paisagens.** Boletim de Geografia Teórica, Rio Claro, v. 20, n. 39, p. 21-32, 1990.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura.** Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1998, p. 92-123.

DUBOS, René. **Namorando a Terra.** São Paulo: Melhoramentos, 1981.

GUIMARÃES, Elaine Vargas. Nadar : uma conversa com a Lagoa do Peri. In: SILVA, Maurício Roberto da (org.). **Caderno de Pesquisa – RPD: pesquisando o lazer/recreação na perspectiva da graduação em educação física da UFSC.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 1995, p. 71-85.

MAFRA, Suzana da Silva. Hay Kay. In: Sindicato dos Eletrecitários de Florianópolis – SINERGIA. **Conto poesia**: 3º concurso literário. Florianópolis: SINERGIA, 1999, p. 38.

RELPH, Edward. As Bases Fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, v. 7, n. 4, p. 1-25, abr. 1979.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia**: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo : Difel, 1980.

\_\_\_\_\_. **Espaço e Lugar**: A perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.